

O DIÁLOGO COMO ESCUTA E A AMOROSIDADE COMO PREMISSA PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eixo 3: Educação de Jovens e Adultos

Luiz Renato de Oliveira¹

Larissa Martins Freitas²

Micheli Daiani Hennicka³

RESUMO

O interesse em desenvolver este estudo surgiu em decorrência do trabalho diário em sala de aula com educandos e educandas da Educação de Jovens e Adultos de uma escola, bastante preocupados com o ensinar-aprender, e que veem no diálogo e na amorosidade o estímulo para que possam ser melhoradas as relações entre educadores e educandos. Partiu, também, dos diálogos durante encontros de formação continuada de educadores onde sentimos a necessidade de aprofundar os estudos, uma vez que consideramos urgente tornar significativo o currículo da Educação de Jovens e Adultos na escola. A necessidade de desenvolvê-lo nasceu também através dos debates nos encontros do Grupo *Dialogus* – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire, do qual fizemos parte e que muito tem nos auxiliado a refletir sobre o nosso trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. Nessa modalidade de ensino, nós, educadores, precisamos encontrar uma prática pedagógica que dialogue e contribua *com e para* o crescimento dos sujeitos envolvidos no processo. Por isso, a necessidade de buscarmos uma formação em que o ensinar e o aprender estejam mais próximos à realidade do educando, que se efetivem dentro e fora da escola, pois é aí que o sujeito convive com a diversidade e com o outro, ampliando suas relações e compreendendo a si mesmo. Nesse sentido, essa modalidade deve ser flexível e adaptada às diversas situações vivenciadas na escola, e precisa ser seguidamente repensada, numa perspectiva interdisciplinar, dialógica e amorosa que valorize a interação entre educadores e educandos, visando à formação de homens e mulheres para “ser mais”.

Palavras Chaves: EJA. Diálogo. Amorosidade.

INTRODUÇÃO

O interesse neste artigo surgiu em decorrência do trabalho diário em sala de aula com educandos e educandas da Educação de Jovens e Adultos de uma escola da Rede Pública Estadual de Santa Maria e pela dificuldade do grupo de educadores em trabalhar nesta

¹ Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM Especialista em História do Brasil (UFSM). Professor da Rede Pública Estadual e Municipal de Santa Maria/RS. renato_geo@yahoo.com.br.

² Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (UFRGS). Coordenadora Pedagógica na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha. E-mail: lari.mfreitas@yahoo.com.br.

³ Mestre em Educação; Especialista em Gestão Educacional e Pedagoga. Professora a distância na UFSM. Email: michipedag@yahoo.com.br

modalidade levando em consideração os saberes de vida dos educandos e suas leituras de mundo. Partiu, também, dos diálogos durante encontros de formação continuada de educadores onde sentimos a necessidade de aprofundar os estudos, uma vez que consideramos urgente tornar significativo o currículo da Educação de Jovens e Adultos na escola.

A necessidade de desenvolvê-lo surgiu também através dos debates nos encontros do Grupo *Dialogus* – Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire, do qual fizemos parte e que muito tem nos auxiliado a refletir sobre o nosso trabalho com a Educação de Jovens e Adultos. A partir desses estudos, passamos a entender as particularidades dessa modalidade de ensino e fomos, cada vez mais, nos apaixonando pelo ensinar/aprender, pois, ao mesmo tempo em que ensinamos, aprendemos muito com os jovens e adultos da EJA.

Este estudo vem ao encontro do grupo de educadores de escola que busca refletir sobre as condições reais do educando e as suas especificidades, pois estes apresentam condições de não serem mais crianças (acima de 15 anos), de serem excluídos da escola e, ainda, de pertencerem a grupos sociais menos favorecidos. Traz a necessidade de uma abordagem de conhecimentos relacionados ao cotidiano e que favoreçam a escolarização com a construção coletiva dos conhecimentos tanto com educadores como os educandos da EJA.

DESENVOLVIMENTO

Tanto os jovens como os adultos estão vivendo hoje no mundo da informação que cresce e se expande muito rápido no século XXI. Isso reforça o objetivo de construir uma EJA baseada naqueles saberes de experiência dos estudantes que precisam e desejam aprender, incluindo a todos, desde o educando desempregado, que tem família para sustentar, até o educando trabalhador, de maneira que todos se sintam acolhidos na escola.

Dessa forma, o que percebemos, em um mundo cada vez mais globalizado e imediatista, é a necessidade de compreender o processo do trabalho e as tecnologias atuais necessárias para apropriar-se do conhecimento. Conhecimento esse que precisa ser revisto dentro do espaço escolar para que se construam ações concretas a partir dos saberes de vida dos educandos, melhorando sua qualidade de vida e de interação com o outro. Isso para que ambos, em uma ajuda mútua e a partir de suas reais necessidades, possam transformar a sociedade.

Diante disso, precisamos encontrar formas de diálogo na escola e na sala de aula que possam contribuir para o crescimento e envolvimento dos sujeitos no processo educativo, de maneira que estes possam ser cidadãos atuantes e participativos na sociedade. Daí a

necessidade de um ensinar e aprender mais próximo da realidade dos educandos, que venha ao encontro das suas reais necessidades e que tenha um significado dentro e fora dos muros da escola.

Nesse sentido, pensamos uma modalidade da Educação de Jovens e Adultos flexível, dinâmica e adaptada às diversas situações vivenciadas pelos/as educandos/as. Por isso, a educação precisa ser seguidamente discutida entre todos/as professores/as interdisciplinarmente, tendo como premissa o diálogo, o afeto e a interação entre educadores/as e educandos/as. Assim, o encontro com o outro e a convivência com a diversidade são de extrema importância, pois é, dessa forma, que ampliamos nossas relações e compreendemos a nós mesmos e aos outros/as.

Freire nos diz que

É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico ao clima de transição. O antidiálogo, que implica uma relação de A sobre B é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso; arrogante; autossuficiente. Quebra-se aquela relação de “empatia” entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por isso tudo o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. Precisamos de uma pedagogia da comunicação do qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo (FREIRE, 1979, p. 69).

Pensando assim, uma ação construída, refletida coletivamente e constantemente dialogada no cotidiano da escola, entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, bem como na formação permanente de educadores(as), estimula o gosto por aprender cada vez mais. Destacamos aqui que, quando nos reportamos à palavra “aprender” estamos nos referindo à aprendizagem que se dá entre professores e alunos, em uma troca mútua e permanente, construída e dialogada a partir dos saberes de vida dos educandos, de seus conhecimentos do senso comum, de maneira que estes possam ser sistematizados, a fim de que cada um e cada uma apropriem-se dele na busca do “ser mais” (FREIRE).

Para isso, no entanto, segundo Henz, 2007:

(...) educar-se e educar na EJA requer, como condição primeira, o reconhecimento da condição humana de si próprio(a) e do(a) outro(a), a escuta sensível da palavra dita e vivida pela qual vimos *sendo gente* (FREIRE, 1998a), valorizando e reconhecendo que todos(as) somos seres humanos cuja feitura vai se dando por processos de reciprocidades e intersubjetividades reflexivas e dialógicas.

Pelo diálogo se pode gerar posturas críticas capazes de auto(trans)formar, superando os condicionamentos históricos de exclusão social e a negação do diálogo entre homens. Por

isso a importância de uma ação reflexiva, em que cada homem e cada mulher tenham a possibilidade de mudar em sua relação com o mundo e com o outro. Por isso a necessidade de uma auto(trans)formação permanente de educadores que possibilite a melhora da práxis pedagógica por meio do diálogo e do compartilhamento de opiniões, o que vai facilitar o surgimento de novos *quefazeres*.

Então, trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos passa a exigir determinação, organização, planejamento, e, acima de tudo, respeito às diferenças, visto que ajudar a preparar esse jovem e adolescente para conviver com o outro é muito complexo. Henz (2012, p. 91) afirma que: "aprendendo a falar umas com as outras, as pessoas aprendem também a reconhecer e a incorporar as diferentes visões de mundo presentes nas palavras e culturas [...]" (HENZ, 2012, p. 91).

Em geral, nas escolas de EJA, são apresentados estudantes que já passaram por uma experiência traumática no ensino regular, com o terrorismo de inúmeras reprovações e uma prática pedagógica totalmente desvinculada de sua realidade, sendo esse estudante caracterizado como o fracassado da vida escolar, ele próprio o causador do abandono de seus estudos. Contrapondo a isso, encontramos na EJA jovens, adolescentes e adultos que trabalham, ou estão à procura de trabalho, desempregados, donas de casa, pais e mães que buscam nos estudos a realização de seus sonhos. Para Freire (2008, p. 91) "sonhar não é apenas um ato político, mas também uma conotação da forma histórico social de estar sendo de mulheres e homens [...]". Sonho de conseguir um emprego, de melhorar o seu desenvolvimento profissional, ou mesmo, pessoal com a elevação de sua autoestima.

Ao longo dos anos a educação de adultos, no Brasil, tem mudado radicalmente o seu perfil. Notamos isso principalmente nas últimas décadas, com a inclusão de jovens a partir dos 15 anos nessa modalidade de ensino. Houve um aumento bastante significativo desses jovens/adolescentes com suas peculiaridades, exigindo dos educadores um novo olhar para atender a essa demanda que chega à escola. Muitos deles possuem objetivos imediatos e, na maioria das vezes, não se importam com a coletividade e a emancipação. Arroyo (2004, p. 352) explica que "[...] além de classificar os alunos(as) por seus rendimentos na aprendizagem, passamos a classificá-los pela sua conduta" (Arroyo, 2004, p. 352). Cada um desses jovens traz consigo um desejo, ou mesmo, um objetivo particular que passa a exigir dos educadores novos saberes necessários para corresponder ao que esse jovem/adolescente busca.

Freire (2011a) corrobora com isso afirmando que

É nesse sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usaras mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (p. 57).

As nossas escolas ainda insistem teimosamente em apenas passar conteúdos fora da realidade dos educandos, sem significados. Por isso a necessidade de uma abordagem de conhecimentos relacionados ao cotidiano e que favoreçam a escolarização com a construção coletiva dos trabalhos. É preciso que os conhecimentos sejam organizados a partir da leitura de mundo dos educandos. Conhecimento esse que precisa ser revisto dentro do espaço escolar, para que se construam ações concretas a partir dos saberes de vida dos educandos, melhorando sua qualidade de vida e de interação com o outro. Isso para que ambos, em uma ajuda mútua e a partir de suas reais necessidades, possam transformar a sociedade. Percebemos que o grande desafio hoje para a formação permanente de educadores é criar alternativas de trabalho que levem em consideração a leitura de mundo de jovens e adultos e que esses se apropriem do conhecimento, tornando-o mais significativo, alegre e prazeroso dentro da realidade desse educando.

Diante disso, o grupo de educadores revelou que, no trabalho com a Educação de Jovens e Adultos, sempre houve uma inquietação sobre como planejar as aulas, de maneira que fossem valorizados e inseridos, no cotidiano da escola, os saberes de vida dos educandos. Quando buscamos prezar pela formação humana nas escolas, o direito à educação perpassa a ideia de educação tradicional. Educação na lógica da formação humana é ter direito ao conhecimento, ao saber, à cultura e seus significados, à identidade, ao desenvolvimento pleno como seres humanos que somos (ARROYO, 2000, p. 53). A partir dessa compreensão, a ideia de educação conteudista, em que o sujeito recebe uma carga de informações e não as processa, não as contextualiza, se quebra; e a escola passa a trilhar novos caminhos, no qual o diálogo, a amorosidade entre os sujeitos que se respeitam entre si e com os outros, passando a reconstruir sua história e a “estarem no mundo” e agirem sobre ele.

De acordo com Henz (2007):

[...] muitas de nossas escolas foram “esvaziadas” da genteidade dos(as) educandos(as); todos parecem estar ali somente em função da “transmissão dos conhecimentos científicos”; esquecendo que a escola é um lugar de gente (Freire). Lembremos: não nascemos “homens” e ou “mulheres”; precisamos aprender a ser gente. Então, educar é humanizar: é ensinar-aprender a genteidade. Mais do que pelas teorias e conceitos; aprendemos a humanização convivendo, dialogando, cooperando, envolvendo-nos em processos de ensino-aprendizagem em que cada

um(a) – educando(a) e educador(a) – possa dizer a sua palavra na inteireza de seu corpo consciente (p.161).

As pessoas é que são o centro da escola, pois são a razão de ser da educação aí desenvolvida. Cada um vem para a escola para realizar sonhos, encontrar aquilo que almeja e pretende para seu futuro, para a sua vida ganhar mais boniteza. Por isso a necessidade de uma práxis educativa mais humanizadora, mais preocupada com a “genteidade”. Para isso, não podemos temer revelar o humano como educador, “gostando de ser gente”, sabendo-se condicionado, mas não determinado, tomando nas mãos a vida e a história – e dentro delas a *práxis* educativa – como possibilidade de novas (re)construções em nós mesmos e na realidade, sempre com os outros (HENZ, 2007).

Diante disso, precisamos encontrar formas de diálogo, na escola e na sala de aula, que possam contribuir para o crescimento e envolvimento dos sujeitos no processo educativo, de maneira que estes possam ser cidadãos atuantes e participativos na sociedade. Por isso a necessidade de um ensinar e aprender mais próximo da realidade dos educandos, que venha ao encontro das suas reais necessidades e que tenha um significado dentro e fora dos muros da escola.

Nesse sentido, pensamos uma modalidade da Educação de Jovens e Adultos flexível, dinâmica e adaptada às diversas situações vivenciadas pelos estudantes. Sendo assim, a educação precisa ser seguidamente discutida entre todos os educadores interdisciplinarmente, tendo como premissa a amorosidade, o diálogo, o afeto e a interação entre educadores e educandos. Desse modo, o encontro com o outro e a convivência com a diversidade são de extrema importância. Freire (1979) esclarece que:

É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico ao clima de transição. O antidiálogo, que implica uma relação de A sobre B é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso; arrogante; autossuficiente. Quebra-se aquela relação de “empatia” entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por isso tudo o antidiálogo não comunica. Faz comunicados. Precisamos de uma pedagogia da comunicação do qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo (p. 69).

Por meio do diálogo, da troca com o outro, a escola precisa se organizar para atender e despertar o interesse dos educandos para que tenham maior compreensão do mundo e entendam o seu estar *no* mundo e *com* o mundo. Este é o grande desafio do educador: garantir um exercício reflexivo e ativo, não apenas passivo de um ou outro, mas que tenha uma visão

coletiva onde homens e mulheres sejam conscientes cidadãos do mundo e participantes da sociedade com sua leitura de mundo e opinião própria.

CONCLUSÃO

Precisamos urgentemente (re)pensar o papel da escola, rever os objetivos, refletir sobre os nossos *quefazeres* pedagógicos, pois a educação autoritária, compartimentada e distante da realidade dos educandos, em que seus sujeitos não têm autonomia e nem “voz”, está perdendo significado. É necessário que busquemos uma nova identidade de escola, que deixe de ameaçar com o terrorismo da repetência e da reprovação.

Através do diálogo, da troca de experiências e, até mesmo, de opiniões que possam despertar o interesse da aprendizagem dos educandos é que se constrói um espaço onde todos tenham a possibilidade de “dizer a sua palavra”, envolvendo-se na construção de uma sociedade solidária que preze pelo respeito mútuo, pelo diálogo e pelos valores humanos, estes extremamente necessários para o exercício da cidadania e para a emancipação de homens e mulheres.

Tarefa às vezes difícil, desafiando uma nova postura do educador, o qual deixa de ser um simples transmissor de conhecimento para assumir a função de articulador, onde o educando passa de mero expectador para sujeito epistêmico atuante no processo, desenvolvendo sua autonomia, criticidade, participação e sendo corresponsável por sua aprendizagem.

Nessa modalidade de ensino, nós, educadores, precisamos encontrar uma prática pedagógica que dialogue e contribua *com* e *para* o crescimento dos sujeitos envolvidos no processo. Por isso a necessidade de buscarmos uma formação em que o ensinar e o aprender estejam mais próximos à realidade do educando, que se efetivem dentro e fora da escola, já que é aí que o sujeito convive com a diversidade e com o outro, ampliando suas relações e compreendendo a si mesmo.

Nesse sentido, essa modalidade deve ser flexível e adaptada às diversas situações vivenciadas na escola, e precisa ser seguidamente repensada, numa perspectiva interdisciplinar, dialógica e amorosa que valorize a interação entre educadores e educandos, visando à formação de homens e mulheres para “ser mais”. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo (FREIRE, 2011b, p. 115).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre. Imagens e auto-imagens.** 3 ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.

_____. **Imagens Quebradas:** trajetórias de alunos e mestres. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 9 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da esperança;** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

HENZ, Celso Ilgo. ROSSATO Ricardo. **Educação Humanizadora na sociedade globalizada.** Santa Maria: Biblos Editora, 2007. p. 149-166.

_____. **Educação e Cultura:** (Des)encontros entre o “Eu” e o outro. In ANDREOLA, Balduino, GHIGGI, Gomercindo, HENS, Celso Ilgo. **Diálogos com Paulo Freire: ensaios sobre educação, cultura e sociedade.** Pelotas/RS: Editora da UFPEL, 2012. p. 67.